EUFRÁSIO DE ALMEIDA

(Um dos capítulos do 2º. Tomo da «História da Literatura Cearense»).

DOLOR BARREIRA

Aí pelas alturas do ano de 1910, surge, no nosso cenário beletrístico, empunhando a lira de poeta, EUFRASIO DE ALMEIDA.

Verdade seja que os nossos historiadores literários não lhe dão, nas suas histórias, siquer, a honra do mais breve registo, por onde ao menos pudesse escapar ao olvido doloroso que sôbre ele plumbeamente pesa.

É assim que António Sales, na sua "*História da Literatura Cearense*", não faz a respeito de Eufrásio a menor ou mais longínqua referência, na mesma entristecedora omissão incidindo Mário Linhares, na sua recente "*História Literária do Ceará*".

Hugo Vitor passa sôbre ele, como se não tivesse existido, regateando-lhe a mercê, a que fazia jús, da transcrição nos "*Sonetos Cearenses*", de qualquer um, que fosse, dos seus sonetos.

O certo, entretanto, é que Eufrásio de Almeida existiu, trabalhou, sofreu, e, sem ter feito o necessário aprendizado literário, pois cursou apenas até o terceiro ano de primeiras letras, produziu formosíssimos versos, de 1910, quando despertou para as agras mas sedutoras pugnas do espírito, a 1913, quando faleceu num humílimo leito da Santa Casa de Misericordia. (1).

---

(1) Eufrásio nasceu a 2 de Setembro de 1888, nos sertões de Inhamuns, perto de Tauá. Era filho de João Ferreira de Almeida, sertanejo forte, de elevada estatura, em contraste com Eufrásio, que era de baixa

2 — Eufrásio de Almeida, quando, como se disse, despertou para a luta do espírito, empenhou-se nela com todas as potências da alma, ávida e ardorosamente.

Quando estava em Maranguape, aí fundou e redigiu, juntamente com Paulo Elpídio de Menezes e Homero de Albuquerque, a revista semanal *"Via Látea"*, publicada a 1.° de janeiro de 1910.

Nessa revista-jornal publicou Eufrásio os seus primeiros sonetos. Entre outros, do meu conhecimento, enriqueceram-lhe as modestíssimas páginas — *"No templo"* e *"Eterna Vida"*, o último dos quais tem características e particularidades a que, mais logo, me referirei.

3 — Colaborou, outrossim, Eufrásio de Almeida, em 1911 e 1912, com Cesar de Vasconcelos, Bastos Portela, Ramos Neto, Maria Sampaio, Vicente Bonfim e comigo tambem, nos meus tacteios e balbúcios de principiante, nas revistas de Fortaleza — *"Camélia"* e *"Constelação"*.

Nestas duas revistas encontram-se os seguintes deliciosos sonetos de Eufrásio de Almeida:—*"Tarde na Roça"*, *"Via Dolorosa"*, *"Ironia da Luz"*, *"Triunfal"* e *"No Inverno"*.

Transcritos que foram no necrologio (2) que lhe escrèvi e lí à beira da sepultura, conheço ainda dois sonetos de Eufrásio — *"Triunfal"* e *"Ao Coração"* que não me lembro onde foram

---

estatura e franzino, como eu mesmo posso pessoalmente assegurar, colegas de *república*, que fomos, cerca de um ano, aqui em Fortaleza.

De modestíssima condição, pois, salvo engano, seu genitor era bombeiro em Cangati, viveu, a partir de 1901, em casa de João Gaspar de Oliveira, em Junco, Uruquê e Maranguape.

Empregou-se na Estrada de Ferro de Baturité, como telegrafista.

Serviu nessa função, em Quixadá, em 1907 e, em 1908, 1909 e 1910, em Maranguape.

Em 1911, permaneceu em Guaiuba, até vir para a Contadoria da mesma Estrada, onde trabalhou a partir de 10 de novembro de 1912 até quando faleceu, a 13 de maio de 1913.

(2) Este necrológio vem estampado, na íntegra, no *"Jornal do Ceará"* de 17 de maio de 1913, de que era então Diretor o Dr. Artur Cirilo.

publicados, como igualmente não sei onde foi publicado o soneto "*Sonho*", tambem do meu conhecimento.

4 — Eufrásio, como eu mesmo disse, no precitado necrológio, era um poeta ... "Tinha, cintilante, na fronte calma, altiva, imperturbavel, o selo genial dos predestinados à poesia"... "A semente milagrosa germinara, com toda pujança latente de seiva, naquele cérebro privilegiado, e, apenas nascente ainda prometia florescências soberbas, frutificações magníficas em futuro não mui remoto" ...

A sua poesia, porém, não obedecia a canones nem a escolas.

Eram simples harmonias interiores que transportava para o papel sob a forma de quartetos e tercetos, numa linguagem bem soante, límpida e escorreita.

Não sacrificava à forma, como o parnasianismo de então, já com plena repercussão entre nós.

Embora não a desadorasse, tanto que procurava imprimir ao seu estilo a mais bem entrosada aparência, dava sempre o maior relevo ao sentimento, — subjetivista que ele era no mais elevado grau — cantando, lìricamente, o amor e a mulher, como nos sonetos:

TRIUNFAL

Passas!... E essa belesa estonteadora
Perturba, atrai, deslumbra, enleia, prende!...
E minha alma, a teus pés, um culto rende
Ao teu encanto triunfal, senhora!

E sonha e gosa e, ebria de amor, ascende
Enlevada e feliz, na embriagadora,
Essência morna, ondeante, enervadora,
Que do teu corpo jáspeo se desprende!

E como sou feliz nesses momentos! —
Esquecido das máguas, dos tormentos,
De mim proprio esquecido, — a contemplar-te!

E se acaso te afastas, eu te sigo:
Vives em mim; eu trago-te comigo,
Nas vigílias, no sonho, em toda parte.

NO TEMPLO

Quando a tarde se esvai e o dia é findo,
Á igreja tu vais resar, piedosa...
E ali, crente, contrita e fervorosa
Ergues a Deus o teu olhar mais lindo.

Depois o roseo manual abrindo,
Esquecida de mim, talvez, formosa,
Tu descerras a boca cor de rosa —
Numa longa oração — um tempo infindo!

Debalde, então, procuro os teus olhares:
Vejo-os fitos no livro ou — dos altares
Buscando o Cristo entre os fulgentes lumes!...

Nessas horas, (perdão se isso te ofende),
Maldigo o livro que teus olhos prende,
E até do proprio Deus tenho ciumes!

SONHO

Sonhei: amava-a; e deste amor falando,
Eu lhe mostrava o coração aberto,
E ela me ouvia, junto a mim tão perto
Que eu lhe escutava o coração pulsando.

Porem do enlevo deste sonho brando,
Eis que de chofre, sem querer, desperto!
Busco-a... e só vejo o leito meu deserto!...
Pensei: — fugiu... Mas, para onde? quando?...

E desolado me levanto e espreito:
Nada! — só ouço o palpitar do peito
Ainda preso da emoção primeira!